

02-07-2020

## Haja carpideiras

### Consuello Del Pratto Dias Leite

[Assistente social. Musicoterapeuta]

No dia 31 de março, data infeliz da história do Brasil, dia em que o Brasil perdeu seu rumo em direção à dignidade, escrevi aqui meu último texto. Nesse dia [morreram 202](#) pessoas de coronavírus no Brasil. Naquele momento, a pandemia batia à nossa porta e eu falava de carpideiras.

Eu estava assustada porque olhava para o mundo e pressentia que o vírus (naquele momento nem se usava muito o hoje 'popular' Covid-19) poderia chegar aqui no sertão nordestino e as crianças continuariam cantando mesmo morrendo... e as carpideiras teriam trabalho precário dobrado. Não foi proposital que minha coluna saísse nesse dia 31 de março. A data de publicação não dependia de mim, dependia dos editores da coluna e, quero acreditar, que eles não fizeram de propósito.

Afinal, estávamos em 31 de março de 2020. Pois 31 de março de 1964, 56 anos antes, foi a data que cravou o Brasil, país do futuro, na rota da volta ao seu passado.

A um passado da indústria da seca e a um passado das capitania hereditárias na forma de latifúndios improdutivos. A um passado de país capacho do imperialismo norte-americano e do capitalismo em fase histórica de ensaio da ultra-acumulação de dinheiros como aprimoramento de sua ganância, mais adiante chamada de neoliberalismo. A um passado de remessas de lucros ao império sem retorno ao seu povo miserável. Nesse fatídico dia de minha última coluna - 31 de março de 2020 - em que um golpe militar covarde, meio século antes, tinha impedido a reforma agrária no Brasil e a revolução freiriana da educação do povo brasileiro, eu estava preocupada com uma pandemia que tinha matado 202 pessoas. Hoje, dia 2 de julho de 2020, volto por aqui para chorar com as carpideiras. Musicoterapeuta e assistente social, largo minhas formações e minhas ilusões com o meu país para chorar os 60 mil mortos (até agora).

Minhas lágrimas juntadas às das poucas carpideiras que restam por aqui no coração nordestino do Brasil são insuficientes para chorar tantas histórias perdidas, tantas famílias destroçadas, tantas pessoas enganadas com palavras assassinas dos herdeiros daquele golpe militar covarde de 1964. Pudera minhas lágrimas e as das carpideiras juntarem-se no culto aos mortos do Brasil para engrossar as águas do Velho Chico e encantar as crianças do agreste com o verde do chão que colore o azul do céu.

Fazer cantar os galhos secos da caatinga... e, molhados, chorarem pelos mortos da pandemia e pelos mortos da ditadura inaugurada naquele 31 de março de 56 anos atrás. Chorar, seja pela pandemia negligenciada pelos herdeiros da ditadura, ou pelos torturados da própria, é só chorar.

*Quer que cante?* Assim perguntavam as carpideiras às famílias dos mortos torturados nos porões dos Doi-Codis no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Recife e sabe-se lá mais onde, quando lhes eram entregues os corpos. Mas nem sempre lhes eram entregues os corpos. Entregavam-lhes a hipocrisia e a mentira de que não sabiam. Desaparecidos... Em cemitérios clandestinos, jogados de aviões, triturados nos moinhos de fábricas multinacionais de cimento não tinham suas famílias ouvindo a pergunta *Quer que cante?* O tempo da ditadura era o tempo das carpideiras.

O tempo da pandemia é o tempo das carpideiras.

Mas as carpideiras, por ofício, preferem chorar os mortos que morrem morrendo na esteira do tempo.

Aqueles que ouvem dos anjos porteiros da porta do céu a frase alentadora: *Chegou a hora. Venha e serás bem-vindo!*

É para esses e essas que as carpideiras gostam de cantar.

Seu ofício é cantar a trilha sonora da passagem.

Assim, as carpideiras, os amigos e amigas, os familiares e o próprio ou a própria passageira que passa comungam serenamente. Só a morte serena é capaz de abrir mão da vida com o olhar dos que permanecem vivos enxergando o bem e o mal como partes indissociáveis da vida plena.

Mas conseguindo ver na partida, se assim for outorgado ao morto, a supremacia do bem. Poder carpidar .....

És um luar

Ao mesmo tempo luz e mistério

Como encontrar

A chave desse teu riso sério

Doçura de luz

Amargo e sombra escura

Procurro em vão

Banhar-me em ti

E poder decifrar teu coração....

... como se entoassem a canção de Beto Guedes e Caetano Veloso na despedida frente à luz e ao mistério.....

A ditadura nada disso permite. A injustiça impede o canto sereno da morte porque impede o canto digno da vida. A pandemia negligenciada por homens sórdidos transforma a luz e o mistério da morte num crime obscuro. Não há canto possível na escuridão do fascismo. E se não há canto possível nem vida justa no fascismo, a morte desferida sem propósito é a negação da vida.

Mas, como sempre, haverá esperança e no sertão, calcinado pelo sol inclemente e pelas botas dos coronéis, haverá sempre crianças e a morte digna pela luta e resistência. Nenhuma força há de parar o canto das carpideiras nas casas simples do agreste dos que morrem pela mão da finitude da vida. Ainda que elas precisem se multiplicar e a gente precise reivindicar que haja mais carpideiras enquanto o Brasil seja governado pelos que ofendem, ultrajam e insultam o nosso povo miserável...

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*